

A Pólis entre 10 Filósofos com David Erlich Parte II – O Contrato Social de Hobbes, Locke e Rousseau

written by Rui Paulo Costa | 2 de Março, 2025



Hobbes e a necessidade do Leviatã

A sessão iniciou-se com uma questão provocadora lançada por David Erlich: ***“E se amanhã acordássemos sem governo? Como seria viver num mundo sem leis nem autoridade?”*** A interrogação gerou um silêncio reflexivo, antes de uma participante se aventurar: ***“Provavelmente, o caos...”***

O professor sorriu e assentiu. ***“Exatamente! E é essa a visão de Thomas Hobbes. No seu ‘Leviatã’, ele descreve o estado de natureza como uma guerra de todos contra todos, onde a vida***

seria 'solitária, pobre, sórdida, brutal e curta'. Segundo Hobbes, sem um poder central forte, não há ordem nem segurança. O medo da morte violenta leva-nos a um contrato social, em que entregamos a nossa liberdade ao soberano em troca de proteção."

Um dos participantes interveio: *"Então Hobbes defende uma monarquia absoluta?"*

"Sim, mas não necessariamente hereditária," respondeu David Erlich. *"O soberano pode ser um monarca, mas também pode ser uma assembleia. O essencial é que tenha poder absoluto para garantir a paz."*

Outro aluno argumentou: *"Mas isso não é um modelo perigoso? Não justifica ditaduras?"*

O pedagogo acenou lentamente. *"É precisamente essa a crítica que muitos fazem. Mas Hobbes acreditava que um governo forte era o preço da estabilidade. Sem ele, regressaríamos ao caos."*

Locke e o direito à rebelião

Seguiu-se John Locke, e o preletor desafiou os participantes a comparar as visões dos dois pensadores: *"Se Hobbes viu a autoridade como um mal necessário, Locke foca-se nos direitos do indivíduo. Para ele, os seres humanos têm direitos naturais – vida, liberdade e propriedade – que o governo deve proteger."*

"Mas e se o governo se tornar opressor?", perguntou uma aluna.

O cursante sorriu, antecipando a questão. *"Precisamente! Locke diz que, se um governo não cumprir a sua função, os cidadãos têm o direito – e até o dever – de o derrubar. Daí a sua influência na Revolução Gloriosa de 1688 e mais tarde na Revolução Americana."*

Outro participante interveio: ***“Então Locke já antevia a democracia moderna?”***

“De certa forma, sim,” respondeu David Erlich. ***“Ele defendia um governo limitado e a separação de poderes, algo que Montesquieu mais tarde desenvolveria. No entanto, Locke ainda não falava de sufrágio universal.”***

Os participantes começaram a debater a relevância das ideias de Locke nos dias de hoje. ***“Acreditam que os governos atuais protegem os direitos individuais como Locke desejava?”*** A discussão intensificou-se, com alguns a apontarem para ameaças contemporâneas às liberdades civis e outros a destacarem as garantias democráticas.

Rousseau e a vontade geral

O último filósofo abordado foi Jean-Jacques Rousseau, introduzido por David Erlich com uma citação do próprio: ***“O homem nasce livre, mas em toda a parte está acorrentado.”*** Um aluno franziu o sobrolho. ***“Isso parece contraditório...”***

O professor apoiou. ***“Boa observação! Rousseau acreditava que a sociedade corrompe o homem. Para ele, a liberdade só pode existir num regime onde as leis refletem a vontade geral. Não a vontade da maioria, mas sim o interesse coletivo.”***

“Mas isso não pode levar ao totalitarismo? Se a vontade geral for imposta, como fica a liberdade individual?”, questionou outro aluno.

David Erlich assentiu. ***“Essa é uma crítica legítima. Rousseau imaginou um modelo de democracia direta, mas a interpretação da ‘vontade geral’ já serviu para justificar regimes autoritários. Daí a importância de mantermos o pensamento crítico ao ler estes filósofos.”***

Houve ainda espaço para discutir a influência de Rousseau nas revoluções modernas, especialmente na Revolução Francesa. ***“As***

ideias de Rousseau inspiraram tanto democracias como governos totalitários. Mas até que ponto podemos separar as suas intenções da forma como foram usadas?” – desafiou o docente, incentivando a reflexão.



Foto de FILIPE ARRAIS/OCIDADÃO

Entre a ordem e a liberdade

A sessão terminou com uma reflexão coletiva. ***“Depois de tudo o que discutimos,”*** perguntou o orientador ***“qual destes modelos prefeririam? O governo forte de Hobbes, o liberalismo de Locke ou a democracia direta de Rousseau?”***

As opiniões dividiram-se, com alguns a defenderem a necessidade de autoridade para evitar o caos, enquanto outros enfatizavam a importância da liberdade individual. ***“Talvez o segredo esteja num equilíbrio entre os três”***, sugeriu um participante.

David Erlich sorriu. ***“E talvez seja por isso que continuamos a debater estes temas séculos depois. Até à próxima sessão, onde abordaremos Karl Marx, Max Weber e Hannah Arendt, esta última, mais a fundo.”***